

COMO LIDAMOS COM A NEUTRALIDADE EM SITUAÇÕES INUSITADAS?

O Inusitado como possibilidade de Descoberta

O inusitado traduz-se nos dicionários pelo “desconhecido”. Algo, ou alguma coisa, que se faz presente e torna-se extraordinário por proporcionar a descoberta. Como estagiária, recém iniciando-me na prática profissional da clínica, quase tudo é inusitado. E por ser determinado pela experiência de cada um, entendo que o inusitado abre possibilidades de construção, utilizando os recursos até ali adquiridos, em busca de respostas que possam responder essas inquietações.

Para traduzir a experiência no estágio clínico, escolhi a analogia da gravidez e conseqüentemente, do nascimento, capaz de descrever meu encantamento e respeito por esse momento. Ao engravidar, espera-se que no período de nove meses a mulher possa se “preparar”. Ocorrem os primeiros contatos entre a mãe e o bebê, pela escuta dos batimentos cardíacos, pelos movimentos, mas descobrimos o que é ser mãe, só mesmo depois do nascimento!

Surge então o inesperado e percebemos que nunca estamos totalmente preparados. Da mesma forma, na experiência clínica, quando chega o paciente e percebemos que não existe uma preparação plena, que nos garanta a saída para qualquer evento da vida. Foi a partir da vivência prática, que tudo isso pode ser ressignificado, e pude dar sentido a esse novo lugar, o de futura terapeuta, que particularmente; assemelha-se ao encantamento da maternidade; uma vez iniciado, não se tem como ficar indiferente.

Para ilustrar o tema deste trabalho e a maneira como enfrento esse desafio, tomo a apresentação da técnica feita por Freud em 1912, nas “Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise”, onde há referência ao cirurgião que põe de lado todos seus sentimentos e concentra suas forças mentais num único objetivo, “a operação”. A justificativa para essa frieza emocional é

* Estudante de Graduação - Curso Psicologia/PUCRS.

descrita como condição favorável para ambas as partes: médico e paciente. Para o médico, pela proteção necessária à sua própria vida emocional, e para o paciente, a maior possibilidade de auxílio que lhe podemos oferecer. Assim, tomo esta recomendação, não pela frieza, mas pela neutralidade. que possibilita o trabalho com o inusitado, facilitando a escuta de todas as intensidades, fragilidades e dúvidas que o paciente possa trazer.

Na Conferência XXVIII, 1917, Freud faz referência à psicanálise comparando-a a uma cirurgia, enquanto as demais técnicas se comparam a cosméticos. Cabe ao cirurgião o compromisso com as condições adequadas e favoráveis a esse procedimento, para que assim, seu paciente possa beneficiar-se dele.

Freud (1912) diz que deveríamos nos contentar com os curativos e não com a cura. É estar aberto, desprovido de expectativas, que tenham a pretensão de determinar o que deveria acontecer. Assim como numa gestação, entendo que a clínica, demanda tempo e investimento.

Foi, especialmente, no atendimento de crianças que me experimentei diante do inusitado, possibilitando o início dessa reflexão. Descobri que a compreensão deste trabalho só é possível a partir do livre brincar, que é a produção de subjetividade. O objetivo principal não é buscar o significado do jogo, nem promover interpretações dele decorrentes, mas estar ali e permitir que aconteça (Winnicott, 1975).

E para alcançar a neutralidade, entendo que devemos ter claro que o sucesso terapêutico não é o objetivo principal, mas sim, como diz Freud “ (...)é preciso trabalhar no sentido de capacitar o paciente a obter uma compreensão consciente de seus desejos, e não no sentido do que nós terapeutas pensamos ser o sucesso terapêutico. (Freud, 1912)”.

* Estudante de Graduação - Curso Psicologia/PUCRS.